

FOUND IN TRANSLATION: (RE-) CONSTRUINDO MEMÓRIA AFETIVO-CULTURAL ATRAVÉS DA TRADUÇÃO DE POESIA AFRODIASPÓRICA¹

*Jessica Oliveira de Jesus**

RESUMO: O presente artigo discute a tradução de poesia em contextos afrodiaspóricos, especificamente entre duas línguas hegemônicas: alemã e portuguesa do Brasil. Em um primeiro momento, apresento o contexto histórico da obra poética da afro-alemã May Ayim (1960-1996) refletindo sobre a tradução de seus poemas para o português brasileiro, realizada por uma afrodescendente germanista. Em um segundo momento, trago exemplos de tradução de poesia negra brasileira para o alemão tratando dos desafios, correspondências e reconhecimentos inerentes a ambos processos tradutórios. Por fim, reflito tais processos que perpassam a subjetividade da tradutora negra junto às propostas de Spivak (2000), buscando assim contribuir para um arcabouço teórico e metodológico de tradução de textos de sujeitos negros em diáspora, por sujeitos também negros em diáspora.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora Negra, Tradução, Poesia, May Ayim, tatiana nascimento.

ABSTRACT: In the following pages, I discuss the translation of poetry within the African Diaspora, between two specific hegemonic languages: German and Brazilian Portuguese. At first, I present the historical context of the poetic work of the Afro-German writer May Ayim (1960-1996), reflecting on the translation of her poems into Brazilian Portuguese by an Afrodescendant Germanist. In a second moment, I bring examples of Afro-Brazilian poetry's translation to German considering the challenges, correspondences and identifications implied in both translation processes. Finally, I reflect on processes that pervade the subjectivity of the Black translator along Spivak's (2000) proposals, thus seeking to contribute to a theoretical and methodological framework for the translation of Black subject's texts within the diaspora by Black subjects also within the Diaspora.

KEYWORDS: African Diaspora, Translation, Poetry, May Ayim, tatiana nascimento.

¹ O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre tradução de literatura afrodiaspórica em língua alemã no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) na Universidade Federal de Santa Catarina.

* Mestranda em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). Possui graduação com dupla habilitação em Letras - Alemão e Português pela USP. Seu enfoque é em textos da diáspora africana e em textos feministas interseccionais. Já tendo traduzido textos de Grada Kilomba e June Jordan para o português brasileiro. Contato: oliveira.jessica@posgrad.ufsc.br

Introdução

May Ayim (Hamburgo, 1960 - Berlim, 1996), poeta, pedagoga e ativista antirracista afro-alemã foi, logo após seu nascimento, deixada por sua mãe biológica alemã em um orfanato onde passou alguns meses antes de ser adotada por uma família alemã branca. Sua infância e adolescência - permeadas por experiências de racismo - são contadas por ela a partir dos anos 80 em cartas, ensaios e poesia. Após terminar seus estudos em pedagogia e psicologia, Ayim muda-se para Berlim, cidade em que vive desde 1984 até a data de seu suicídio em 1996, e onde começa a participar do movimento de mulheres. Ayim logo publica alguns poemas no livro *Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*², obra que reúne histórias e depoimentos de mulheres alemãs negras, e prenuncia a fundação da Associação de Pessoas Negras na Alemanha (*Initiative Schwarze Menschen in Deutschland -ISD*). Este volume contém também seu trabalho de conclusão de curso intitulado *Afro-alemães: sua história cultural e social sob o plano de fundo da mudança social*,³ primeiro trabalho acadêmico sobre a história de pessoas negras nascidas e/ou residentes na Alemanha que remonta à Idade Média, quando comerciantes africanos trabalhavam e viviam em território hoje conhecido como Alemanha. O trabalho de Ayim também desvela o passado colonial alemão – assunto negligenciado nos livros de história oficial – além de abranger a realidade de negros/as na Alemanha contemporânea ao lançamento do livro.

No prefácio desta obra, as organizadoras – entre elas Ayim – afirmam: “Com este livro queremos - juntamente a experiências pessoais - revelar contextos sociais racistas.” E continuam: “Nossas vidas serão mais leves, quando não tivermos que explicar exausta e repetidamente nossa existência.”⁴ (OGONTOYE; AYIM, SCHULTZ 1986, p.9-10). Ayim dedicou-se à investigação do racismo em contexto educacional trabalhando como docente em diferentes universidades. Em 1993 a poeta viaja ao Caribe, Estados Unidos, Gana e África do Sul recitando sua poesia em festivais e

² Publicado em 1986 e em tradução livre: *(Re-)Conhecendo a Cor: Mulheres Afro-Alemãs Traçando Suas Histórias*

³ Tradução livre. Livro sem tradução para o português.

⁴ Todas as traduções de citações neste artigo são de minha autoria.

eventos antirracistas. Em maio de 2010 a antiga rua Gröbenufer em Berlim, cujo nome homenageava Otto Friedrich von der Gröben (1657–1728), um colonizador alemão que liderou em 1683 uma expedição ao oeste africano, passou – depois da pressão da ISD – a homenagear a poeta, e hoje se chama May Ayim-Ufer. Ayim foi também uma das primeiras poetisas negras a escrever em língua alemã, influenciando sua geração e gerações seguintes de afro-alemanes. Hoje na Alemanha e Áustria vive e floresce uma potente cena literária e ativista negra intervindo nas artes, na política, na academia, etc.

“Você é Afro-alemã?”: traduzindo May Ayim para o português brasileiro

*Você é o que? Afro-Alemã?
Ah! Entendi...: africana e alemã
Não é que dá uma mistura interessante!
Sabe que muitos ainda pensam
que mulatos
não conseguem ir tão longe na vida
como os brancos*

May Ayim, trecho do poema “Afro-alemã I”
In: Blues in schwarz Weiss, p. 18-9

A tradução de May Ayim para o português brasileiro é de extrema importância e urgência no contexto afrodiaspórico global e local, especialmente no Brasil, cuja população negra é maioria⁵. Sua obra levanta questões pouco discutidas em âmbito cultural, político e acadêmico e a tradução de seus poemas preenche uma lacuna, pois não há traduções para o português brasileiro desta pouco conhecida ativista e poeta negra alemã, porém de grande relevância e atualidade.

A ignorância acadêmica acerca da obra de Ayim deve-se a diversos fatores, entre eles a negligência em relação a discussões que sua obra aborda. Em última instância, a sua ausência no campo acadêmico está intrinsecamente ligada ao seu não-lugar na sociedade alemã, tema longa e profundamente abordado por ela em ensaios e obra lírica. Para traduzí-la, portanto, é preciso conhecê-la, entender seu contexto e texto, sua

⁵ Segundo o IBGE, os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Fonte: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>> acesso em 9 fev. 2017.

mensagem. Parto então, como tradutora afro-brasileira e germanista, das reflexões de Spivak (2000) sobre tradução como ato mais íntimo de leitura, que tomo como metodologia para tradução de textos no contexto da diáspora negra, como demonstrarei a seguir. Aproveito para questionar a indiferença dos cursos de germanística no Brasil que, até onde sei, não incluem perspectivas não hegemônicas sobre a sociedade alemã, embora as mesmas pululem na literatura e artes na Alemanha contemporânea. Obras de May Ayim, Noah Sow, entre outras afro-alemãs, são pouquíssimo estudadas e citadas e mesmo obras em língua alemã escritas por estrangeiras/os que aparecem com mais frequência nas ementas de cursos universitários ocupam sub-categorias literárias, e levam títulos como “literatura intercultural”, “literatura imigrante”. “literatura Chamisso⁶”, etc. Para Calero (2010, p. 62):

El premio [Chamisso] puede significar para muchos autores y autoras una rampa de lanzamiento hacia el reconocimiento y los grandes mercados editoriales, pero también puede conducir al aislamiento y a la segregación puesto que se reúnen en un mismo grupo a escritores y escritoras que poco o nada tienen que ver literariamente, y a los que se recuerda constantemente que son extranjeros en Alemania.

Este obviamente não é o caso de May Ayim, pois ela nasceu, foi alfabetizada, educada e socializada em língua alemã e por instituições alemãs. Mesmo assim, sua poesia continua invisível e inaudível. Ayim não era imigrante na Alemanha, mas sua negritude a “situava” sempre à margem do que é ser um cidadão pleno (e) alemão e, portanto, a aproximava da experiência estrangeira, sendo estrangeira em seu próprio país. Nesta política do nacional *versus* estrangeiro, que categoriza alemães e não-alemães vemos como o nacionalismo apresenta um lado universal da identidade, apagando diferenças constitutivas e fabricando “o outro”. Venuti (2005) fala de uma “contradição fundamental da identidade transcendente”, postulando que todo discurso nacional é singular, mas se coloca como universal. Há uma ideia universal do que é ser brasileiro/a, inglês/a, indiano/a, peruano/a alemão/o, etc que suprime diferenças e dissonâncias destas supostas identidades dentro das fronteiras dos próprios países. O fato de Ayim não ser vista como alemã, por ser negra e, tampouco ser estrangeira, já

⁶ O prêmio de Literatura Adalbert von Chamisso foi instaurado em 1985 e premia a chamada literatura de emigração em língua alemã, isto é, obras literárias escritas por autoras/as cuja língua materna não é a alemã.

que nascera e crescera na Alemanha, de uma mãe biológica alemã, moldou e marcou sua perspectiva sobre esta sociedade.

Ayim também não aparece em leituras, cursos, discussões sobre literatura pós-colonial, cuja boa parte das/os autoras/es é negra. O não enquadramento da poesia afro-alemã na literatura intercultural, na literatura alemã canônica, tampouco na pós-colonial pode ser, à primeira vista, um empecilho para nos aproximarmos de sua obra. Entretanto, escolho justamente esse caminho para lê-la e traduzi-la. Assim, me acerco a sua poesia por meio de duas vertentes: como literatura alemã, escrita por uma alemã em um contexto alemão em determinado período histórico, e dentro do riquíssimo, plurilíngue contexto cultural e político afrodiaspórico. Desta forma, além de conferir visibilidade a sua identidade afro e alemã (como ela mesma se denominava) e a seu status como poeta, é possível analisar a partir de sua obra, a sociedade alemã de maneira complexa e profunda, desde seu processo de unificação no XIX, de suas colônias no continente africano, da emergência de uma ideia de pureza racial e linguística criadas e utilizadas para a formação deste Estado-Nação, bem como as consequências de tais ideias ao longo do século XX. Do mesmo modo, ao abordar sua obra dentro do contexto afrodiaspórico tangenciamos diversos elementos de sua poética, compreendemos seus temas e a reinscrição de “outras narrativas” articulada pela diáspora negra (HALL, 2003, p. 347). Ainda segundo Hall por essa razão, a diáspora negra teve que trabalhar em si mesma como “telas de representação”. Pois, é no modo como “representamos e imaginamos a nós mesmos”, que compreendemos “quem somos”, É em nossos corpos negros que produzimos contranarrativas e contraimagens silenciadas, apagadas e “esquecidas” pela história ocidental. (HALL, 2003, p. 347) e é também por meio de nossos corpos negros, nossa arte, escrita, tradução, etc que nossas vozes e histórias “mantidas em silêncio como segredos” (KILOMBA, 2016 p. 177) saem desta condição.

É justamente neste contexto afrodiaspórico que localizo minha tradução da poesia negra alemã de May Ayim. Esta tradução é um gesto político motivado por silenciamentos seculares impostos ao povo negro (KILOMBA, 2016, p. 172) e sobre sua história global e local. No caso alemão, a própria Ayim como citado acima realizou na década de 1980 uma pesquisa inédita sobre a história negra na Alemanha e através da minha tradução continuo seus passos estreitando laços transnacionais da diáspora negra.

Traduzo-a pela ampliação que a tradução pode conferir à sua voz. Voz que Ayim usava, assim como outras e outros poetas afrodiáspóricos ao redor do mundo, para recitar sua poesia.

O poema que traduzo abaixo “Destemida e sem fronteiras: poema contra a bel-(uni)dade alemã” foi escrito meses após a queda do muro de Berlim como protesto ao aumento do número de ataques racistas e xenófobos em toda a Alemanha, diretamente relacionados às comemorações da reunificação que desenterraram com elas velhas ideias do que é ser alemã(o); isto é, com a queda do muro a sonhada unificação trouxe à tona ideias nacionalistas ligados à supremacia branca, ao biotipo “ariano”, à superioridade da língua alemã, e portanto, excluía todos que (supostamente) não se enquadravam nesses ideais. Já no título, Ayim expõe o que significou para ela a reunificação alemã em 1989. A poeta brinca com a língua e faz um trocadilho com a palavra *Sch-einheit*, que abriga *Einheit* = unidade e ecoa *Scheinheit* = aparência e também *Schönheit* = beleza. Assim, ela demonstra como a reunificação alemã foi sobre aparências, uma vez que ela e muitas outras pessoas não puderam comemorar, pois para afro-alemães e imigrantes a unificação significou maior segregação. Durante as comemorações e em geral havia reivindicações sobre um ideal de cidadania, de pertencimento à nação e de beleza, que ditavam quem era alemã/o. Ayim comenta o contexto que a levou a escrevê-lo em texto publicado postumamente no livro *Grenzenlos und Unverschämt*:

Pela primeira vez desde que vivo em Berlim, tenho que combater diariamente insultos indecorosos, olhares hostis e/ou difamações abertamente racistas” (...) Uma amiga no trem com sua filha afro-alemã no colo, ouviu: “Nós não precisamos mais de pessoas como vocês, aqui e agora somos mais do que suficientes! Um menino africano de 10 anos foi expulso do trem para dar lugar a um alemão branco... (AYIM, 2002, p. 91)

Relatando que tais episódios aumentaram drasticamente a partir de novembro de 1989 e que a imprensa oficial os ignorava, Ayim diz: “Comecei o ano de 1990 com um poema:” (AYIM, 2002, p. 91 – 92), que transcrevo e traduzo⁷ abaixo:

⁷ Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Rosvitha Friesen Blume (UFSC), à Kristina Michahelles, jornalista e tradutora, e ao grupo que se reúne semestralmente nas oficinas de tradução alemão-português e vice-versa que têm sido grandes interlocutoras/es das minhas traduções dos poemas de May Ayim.

**grenzenlos und unverschämt – ein
gedicht gegen die deutsch sch-einheit**

ich werde trotzdem
afrikanisch
sein
auch wenn ihr
mich gerne
deutsch haben
wollt

und werde trotzdem
deutsch sein
auch wenn euch
meine schwärze
nicht paßt

ich werde
noch einen schritt weitergehen
bis an den äußersten rand

wo meine schwestern sind
wo meine brüder stehen
wo unsere
FREIHEIT
Beginnt

ich werde
noch einen schritt weitergehen und
noch einen schritt
weiter
und wiederkehren
wann
ich will
wenn
ich will
grenzenlos und unverschämt bleiben

**destemida e sem fronteiras: poema
contra a bel-(uni)dade alemã**

Serei
africana
mesmo que
me queiram
alemã

e serei
alemã
mesmo que
minha Negritude
não lhes agrade

darei
um passo mais à frente
até a periferia mais longínqua

onde estão minhas irmãs
onde estão meus irmãos
onde começa
nossa
LIBERDADE

darei
mais um passo à frente e
mais um passo
e regressarei
quando
eu quiser
se
eu quiser
e permanecerei
- destemida e sem fronteiras- .

May Ayim 1990 In: *Blues in Schwarz weiss*, p. 61

Neste poema, Ayim, contra todas as expectativas, levanta sua caneta/voz empoderada declarando seu direito à opacidade (GLISSANT, [1991] 2008), seu direito de existir e de ser reconhecida, além de relacionar seu lado alemão ao seu lado ganense de maneira não hierárquica: ela é afro e alemã como declara em outros poemas, em um gesto de deserção da identidade nacional uni-versal alemã rumo à identidade rizomática, que se estende para entrar em contato com o outro, conectando-a com a diáspora negra ao redor do mundo e, por conseguinte, consigo mesma.

Em seu livro *Blues in schwarz weiss* (Blues em preto e branco) de 1995, há 56 poemas em língua alemã e em algumas páginas, inclusive na capa, símbolos-conceitos adinkra de origem entre os povos da África Ocidental de língua Akan, das regiões que hoje conhecemos como Gana, Togo e Costa do Marfim. *Blues em preto e branco* inicia-se com uma página contendo somente o símbolo-conceito Sankofa centralizado na parte superior da página. Sankofa é comumente representado por um pássaro mítico que voa para a frente com a cabeça voltada para trás, carregando no seu bico um ovo, isto é, o futuro. Este conceito-símbolo nos lembra e ensina sobre a possibilidade de nos voltar ao passado como exercício para avançar, pensando no futuro. Essa é a mensagem que May Ayim passa a quem tem seu livro em mãos, ela olha para seu passado, e nos deixa seu livro-futuro; e este é o movimento que afrodescendentes têm feito cada vez mais em busca de seu passado. Uma vez que recuperamos nossa memória africana diaspórica, nosso futuro é modificado.

May, ao mesclar tais elementos culturais, está falando sobre si, esse sujeito afrodiaspórico alemão e inscrevendo na história e na literatura tal identidade. Assim, Ayim realiza exatamente aquela re inscrição de “outras narrativas” através das informações culturais de seus antepassados, de códigos e de signos, de mitos e ritos herdados.” (HALL, 2003, p.342) os mantendo em pé de igualdade com seus poemas em alemão. Com sankofa na primeira página do livro, além de ‘pôr em relação horizontal’ tais elementos culturais aparentemente tão distantes e distintos, a poeta reconhece seu lado ganense, e num gesto de busca de seu passado, à cultura de seu pai, indica o futuro, o ‘novo’ que é sua poesia (em língua) alemã e que não se desvincula dos símbolos adinkra. Por isso, é impossível aproximar-se de sua obra literária somente através da perspectiva da literatura ou cultura alemã, pois sua poesia extrapola tais áreas

de estudo. De uma perspectiva teórica tradutória, através destas práticas Ayim está inscrevendo e garantindo sua opacidade e demonstrando sua retórica, dois elementos cruciais segundo Spivak (2012) para entender e traduzir sua obra.

A tradução na diáspora negra tem um status de “vetor/produtor de um diálogo intercultural que ainda está por vir.” (CARRASCOSA, 2016 p.63) e que se está dando através da tradução, pois segundo Carrascosa (2016), sob uma perspectiva tradutória negra “a palavra, o conhecimento *outro*, o *toque de atabaque* e vozes subalternas tomam o campo de luta da linguagem/discurso, possibilitando a abertura do eu e a convivência com o *outro*”, sem assimilá-lo. Este tem sido um dos desafios e dos prazeres dessa tradução, isto é, o não apagamento das múltiplas identidades e compromissos políticos de May Ayim. Há em sua obra, por um lado, uma crítica ao seu país natal, à língua alemã, e por outro, sua busca, encontro e utilização de elementos de culturas negras, retomando uma memória ancestral ao passo que integra culturas afrodiaspóricas, na qual me reconheço como afro-brasileira, bem como me reconheço em sua crítica à, e em sua utilização da língua alemã que muitas vezes, com suas bases racistas, me coloca em posição subalterna enquanto negra e tradutora. Busco, portanto, utilizar a tradução de sua poesia como uma ponte desta parte da diáspora que nos parece tão distante e em uma língua que pode ser, em contexto brasileiro, um marcador de divisão e apagamento. Pretendo demonstrar que Ayim amava sua língua materna, ao ponto de reconhecer que a mesma pode ser um tanto hostil para sujeitos como ela. Assim, a poeta cria inúmeros jogos de palavras, utiliza diversos artifícios poéticos como aliteração, ironia, desmembramento de palavras, etc., e, sobretudo, realiza através de sua poesia um questionamento fundamental acerca de resquícios racistas na língua e sociedade alemãs, trazendo ditos populares e expressões idiomáticas, que assim como em português, localizam e relacionam o sujeito negro ao que é ilegal, sujo, proibido, exótico, selvagem e inferior, como nos exemplificará a tradução de Tatiana Nascimento a seguir. É exatamente no reconhecimento, nas experiências comuns de corpos e subjetividades negras em diáspora, através das utilizações e críticas às línguas é que localizo ambas poetisas na diáspora africana. Lao-Montes (2007, p. 310) conceitua a diáspora africana como:

um projeto de afinidade e libertação fundado em uma ideologia translocal de formação de comunidade e uma política global de descolonização. A

Diáspora Africana pode ser concebida como um projeto de descolonização e libertação incorporado às práticas culturais, correntes intelectuais, aos movimentos sociais e às ações políticas dos sujeitos afrodiaspóricos. O projeto da Diáspora como uma busca de libertação e de construção comunitária transnacional baseia-se nas condições de subalternização dos povos afrodiaspóricos e em sua agência histórica de resistência e autoafirmação. (tradução minha e ênfase no original)

É dentro deste “projeto de afinidade” e formação de comunidade e numa “política global de descolonização” que traduzo também para o alemão poetisas contemporâneas negras brasileiras. Trago a seguir um exemplo de uma dessas traduções.

Poesia negra brasileira em alemão

Em 2016, traduzi para o alemão poemas da poeta e tradutora tatiana nascimento, que traduziu textos de Audre Lorde. Lorde, poeta negra, lésbica e caribenha-estadunidense morou na Alemanha e foi fundamental na articulação da identidade afro-alemã fomentando e influenciando imensamente a obra de May Ayim. Portanto, há uma rede afrodiaspórica que une esses con-textos e traduções. A poesia de nascimento, assim como a de Ayim é atravessada pela oralidade⁸ e repleta de elementos culturais cosmológicos da diáspora negra (candomblé, dizeres populares, modos de falar que fogem às regras da língua “cult”, jogos de palavras, ritmo, sonoridade, o corpo, a experiência e ancestralidade negras, etc), assim como a poesia de Ayim. Sua “poesia di dendê”, como ela a apresenta em seu blog⁹ é também rica em temas e elementos das culturas das dissidências sexual e de gênero.

Frente a este desafio de tradução para o alemão “como a tradutora atende à especificidade da língua que traduz?” Estas e outras perguntas feitas por Spivak (2000) ecoavam em minha cabeça. Como transportar para o alemão a poeticidade da língua afiada de tatiana nascimento sem apagar seu conteúdo político, sem perder nem

⁸ A artista é organizadora e participante de diversas batalhas de poesia falada (slams) por todo o Brasil, entre elas o Slam das Minas que acontece no DF, além de ter organizado e participado de slams na Alemanha e Áustria e de ter organizado da I palavra preta: Mostra Nacional de Negras Autoras, que aconteceu em Salvador no início de 2017.

⁹Cf. <https://palavrapreta.wordpress.com/>

silenciar a poeta a favor do entendimento do público de língua alemã? Como transmitir o efeito que sua poesia causa em falantes da língua afro-brasileira¹⁰? “Já que a escritora é escrita por meio de sua língua” (SPIVAK, 2000, p. 400) e no caso da poesia, também pela forma. Procurei então, na tradução, manter a semelhança na apresentação visual dos poemas, mantive palavras utilizadas pela poeta, pois “a escrita da escritora grafa [sua] agência” (SPIVAK, 2000) de um modo específico. No caso da escrita de tatiana nascimento, estaríamos diante da escrita e da retórica que grafa sua agência afrodiaspórica latino-americana e dissidente sexual. Busquei re-criar trocadilhos (artifício muito presente em sua obra) em alemão para que estes transmitissem e reafirmassem as mensagens do poema. E mesmo antes de recorrer à escrita de May Ayim e de outras poetisas afro-aleãs para traduzir-escrever poesia negra em alemão, durante a tradução do poema de nascimento deparei-me, como não poderia deixar de fazê-lo, com elementos comuns à experiência diaspórica negra. As poetisas (Ayim e nascimento) além de articularem uma quebra da lógica racista das línguas portuguesa e alemã, trazem traços do trauma colonial. Me deterei aos elementos *preto e branco* bastante presente em ambas obras, no geral. Essa di-visão dicotômica cria o sujeito branco em oposição e por assujeitamento do negro. A *palavra preta* de nascimento e o *blues em preto e branco* de Ayim desmantelam o euro-falo-logocentrismo, que Derrida (1991) também chamara de ‘mitologia branca’.

sabor de vidro e corte¹¹

tatiana nascimento

em berlin...
eu
talvez...
devesse deveria poderia quisesse
rimar
rimaria uns fonema assim
“controlarem”
com

¹⁰ Alguns linguistas falam em Afro-português, nomenclatura produzida a partir de pesquisa coletiva conduzida por um grupo da UFBA, coordenado pelos professores Alan Baxter, Ilza Ribeiro e Luchesi, que resultou no livro *O português afro-brasileiro*, Salvador: EDUFBA, 2009.

¹¹ A tradução integral para o alemão encontra-se disponível em:

<https://www.academia.edu/24305232/Schmeckt_nach_Glas_und_Schnitt_deutsche_Version_?auto=download>

eu nem sei talvez

schwarzfahren.

comparando com minhas poucas horas de paris,
tem bem pouca gente preta
na berlim
quer dizer
eu acho né
é o que
me parece
talvez se...
tem também que...
no bairro turco né, que eu fiquei,
é que lá tem...

mas tem, tem gente preta também
muitas mulheres usam véu
a chanceler se chama merkel
fechou os portões do céu
o paraíso ordenado do bem-estar europeu
o calendário
o cronograma
o apreço aos horários
nunca falha em berlim, pelo que...
é, pelo que eu
vi

acho talvez que a pouca gente preta que tem já deve saber
o que significa rimar
controlarem com
schwarzfahren.

mesmo que só com uma imagem
ideogramas simbolizam sistematicamente
branco branco branco no preto

pra quem tá no aperto
sem passagem certa
quem não tem os euro que valem ouro
tem até uma...
gíria é errado chamar gíria?
é... expressão idiomática que uma linguista diria?
ou é tudo idiossincrazias idiotas y a fantasmagoria dos
nazistas em cada esquina é proibido ao invés diga
n a z i ou pega mal ali do lado, ali,
derrubou o muro mas a polícia continua firmão

ou mora no coração cidadão de cada alemão atento
pra ninguém passar ileso
pelo controlador do metrô
com suas portas abertas
pelo hospício com suas doses
precisas y incertas
de entorpecimentos+mentais não mentem
jamaís
“weiß”
deve significar alguma coisa em alemão também
eu...
eu não entendo bem
nada que dizem por aqui
eu que nem...
nem lembro direito de onde que eu vim
que só tô de passagem pelaí

pra ver você pra ver se vc consegue sorrir cheio mancha nos dentes turvos
de chagas na pele lazarento imaturo futuro no escuro
dor no peito da idade de mil saturnos
Atotô ou um Exu pra pedir licença em alemão alivia
seu
aburro?
você...
em seus suplícios...
tá
andando na linha pagando a tarifa tomando a pílula
vai
sobre-
viver?
tá mais calminha
agora
as bicha
tudo surtada
na psiquiatria?
tá tudo andando
mansinha?

eu acho que me parece que talvez "andar no preto" não seja só
um delito
ameaça
eh uma ofensa pra gente
que nem eu

diretamente de um mundo velho que finge que nem sabe
do que foi que adoeceu

esse céu... esse céu nublado esse cinza
essas árvores fileiradas que nem dente
branco
em bocas pretas contralei mesmo de quem
já estava não chegou de botes porões ilegais sobre a terra
atravessamento do diabo pra chegar
por aqui embaixo desse...
desse céu...
esse céu nublado setentrional...
também eh...
hj ainda...
sob o sol
do capital poderia em qualquer possibilidade
não ser...
colonial?

os corvos me acenam embora como as mil folhas de uma árvore presa num parque
que nem eu sei o nome
nem seria português nem alemão

pra elas,

árvores não se importam com essas línguas, a não ser que ordenem
lâminas

(nenhum corpo negro
esqueceu).

Em “Sabor de Vidro e Corte”, a poeta faz alusão à canção “San Vicente” de Milton Nascimento já se inscrevendo na caminhada afrodiaspórica. Quando recita o poema, a poeta de Brasília canta a primeira estrofe da canção de Milton Nascimento no início de sua performance. “San Vicente”, embora muito ligada aos contextos das ditaduras na América Latina, parece versar sobre a experiência negra em diáspora, bastante atual, visto nosso contexto político contemporâneo e suas consequências para a população negra brasileira.

O poema foi escrito em 2015 durante estadia da poeta na Alemanha, condição que, para uma afrodescendente saindo do Brasil, pressupõe a travessia do Atlântico, aquela travessia que “nenhum corpo negro esqueceu”, no Atlântico que guarda tantos segredos coloniais. “A espera na fila imensa” dos controles dos aeroportos, os olhares racistas, o silenciamento produzido pela falta de inteligibilidade da língua que se fala, com a qual se versa, com a qual se expressa. tatiana nascimento logra traduzir neste

poema tal experiência esfacelando sua língua, gaguejando inicialmente em português, como que para mostrar a dificuldade de articular a fala perante o violento *schwarzfahren*, palavra que destoa no poema, termo em língua alemã do qual trataremos adiante. Como manter essa “retórica do outro” (SPIVAK, 2000) no exercício de tradução para o alemão de um termo tão corriqueiro desta mesma língua? Como traduzir a dor da palavra-chicote a quem nos chicoteia? Reproduzo abaixo o exemplo mais feliz e devido aos propósitos e limitações deste artigo, trarei somente dois trechos traduzidos do poema com explanações subsequentes.

[...]	[...]
dor no peito da idade de mil saturnos	Schmerzen in der Brust vom Lebensalter tausender Saturnen
Atotô ou um Exu	Atotô oder ein Eshu
pra pedir licença em alemão	um sich auf Deutsch zu eshu-ldigen
alivia seu	
aburro?	erleichtet es deine
[...]	Langeweile?
	[...]

Neste poema, a autora cita e traz referências a diversas entidades e elementos de religiões de matriz africana. Além disso, algumas rimas, jogos de palavras e referências foram perdidas na tradução, criei então em alemão, como se pode ver acima, um trocadilho com a palavra “entschuldigen”, (pedir licença e/ou desculpar-se) criando **eshuldigen**, assim não perdi o som da palavra alemã e fiz referência a Exu (Eshu), orixá do movimento, elo de comunicação entre Orun e Aiê. Exu representa o poder da comunicação, da língua, responsável pela ordem e pelo caos. Deste modo, as energias envolvidas no ato tradutório são as mesmas regidas e representadas pelo orixá. Portanto, Exu é também um tradutor.

Èsú [...] é o único capaz de transportar e fazer aceitar as oferendas a seus respectivos destinatários, mantendo a harmoniosa relação entre os seres e as entidades sobrenaturais, o equilíbrio entre os dois planos da existência e entre todos os componentes do sistema. (DOS SANTOS, 2001, p. 183).

Exu é quem dá licença, e é relevante lembrar que tal entidade foi ‘traduzida’ por cristãos como Diabo, devido à sua irreverência e estilo brincalhão, o que é um grande equívoco, pois na cultura iorubá não existem diabos ou entidades unicamente “más”.

Todas as entidades têm suas porções positivas e negativas.

Com este exemplo também reproduzo, em certa medida, a diversidade dos falares de imigrantes (brasileiros/as) residentes na Alemanha, que criam a todo o momento neologismos na língua alemã, como estratégia política anti-assimilacionista, mantendo a diferença ou a opacidade destes indivíduos¹², também em diáspora. Deste modo, através de uma prática tradutória crítico-criativa que nasce de uma leitura e da intimidade com o texto, que seria para Spivak (2000) imprescindível nas traduções de mulheres do chamado “Terceiro Mundo”, procuro nas traduções de ambas poetisas minar, assim como elas o fazem, a linguagem (racista) – borrar a retórica hegemônica com a da “outra” e, para isso, é preciso conhecer as estratégias retóricas e a língua destas “outras”.

Em um próximo trecho relevante para a presente análise, o tratamento que a poeta dá ao termo alemão *schwarzfahren*, expressão coloquial que designa dois atos ilegais: utilizar transporte público sem um ticket validado e/ou dirigir um automóvel sem licença. Entretanto, a palavra *schwarzfahren* é constituída por duas palavras: schwarz = preto e fahren = dirigir; andar. E assim como na língua portuguesa, a alemã tem uma série de palavras ligadas ao campo do ilegal, do negativo que trazem consigo a palavra schwarz (preto/negro). Nascimento manteve em seu poema escrito em língua portuguesa o termo em alemão, portanto, a estratégia utilizada na tradução foi criar uma tensão entre o termo *schwarzfahren* e a palavra *weiß* em alemão, que significa branco, mas tem a mesma grafia do verbo saber em primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Para dizer em alemão “eu sei” digo “ich weiß” e para dizer “ela é branca”, digo: “sie ist weiß”. Na tradução do poema para o alemão a palavra *weiß* aparece então, sempre em itálico e negrito, como se pode ver a seguir:

¹²Viveiros de Castro (2004, p. 10) declara que “traduzir é presumir que equivocação sempre existe; é comunicar por diferenças, ao invés de silenciar o Outro supondo uma univocidade — a similaridade essencial — entre o que o Outro e Nós dizemos”.

em berlim...	in berlin
eu	sollte ich
talvez...	vielleicht...
devesse deveria poderia quisesse	müsste ich, könnte ich, wollte ich
rimar	reimen
rimaria uns fonema assim	würde ich ein paar Phoneme so reimen
"controlarem"	"kontrollieren" mit
com	was weiß ich...
eu nem sei talvez	vielleicht mit
 schwarzfahren.	 schwarzfahren.

Não se tratam de coincidência que tanto em alemão quanto em português campos semânticos ligados à palavra *preto/negro* estejam tão associados ao negativo/criminoso e já com a palavra *branco* a associação seja a elementos e ideias positivas/limpas/boas. Tais estruturas linguísticas sustentam um modo de ver o mundo bastante condizente com o projeto moderno/colonial. Este projeto tradutório busca então tencionar esses dizeres e tais traduções já feitas do mundo, mostrando também através da tradução pontos de vista *outros*. Mudimbe (2013, p. 23), ao analisar pinturas do século XVI e a representação de negros/as por europeus declara que tais representações “expressa[m]”, na verdade, “ordens discursivas” e que: “os contrastes entre preto e branco contam uma história que provavelmente duplica uma configuração silenciosa, mas epistemológica poderosa.”

Conclusão

Me coloco enquanto tradutora como elo e ponte que traduz contextos aparentemente tão distantes, mas que quando vistos pelo prisma da diáspora negra e da própria constituição da modernidade ocidental tem passados, presentes e futuros análogos. O futuro é a quebra do silenciamento de sujeitos negros, aqui ilustrados pelas poetisas May Ayim e Tatiana Nascimento e pela tradutora negra. Para Spivak (2000, p. 405), conhecer a autora, ter intimidade com o texto e “render-se” à retórica presente em seu texto são tarefas da tradutora feminista, e aqui acrescento, da tradutora antirracista.

A tradutora de escritas de mulheres do Terceiro Mundo tem que se fazer quase melhor equipada do que a tradutora que está lidando com línguas da

Europa Ocidental, devido ao fato de que, ligeiramente deslocada, muito da antiga atitude colonial, pode emergir no trabalho como ruídos na tradução.

A teórica e também tradutora ainda ressalta que na tradução de textos terceiro mundistas, é quase praxe que a mensagem e os interesses do texto, sejam sufocados pela agenda política de quem o traduz. Portanto, a tradutora “deve ser capaz de lutar contra aquele materialismo metropolitano com um tipo de conhecimento *sui generis* de especialista, não com uma mera convicção filosófica.” (SPIVAK, 2000 p. 405). O conselho de Spivak parece nos auxiliar na tradução da poesia de Tatiana Nascimento, bem como na de May Ayim. A última, apesar de não vir do “Terceiro Mundo”, e de não ter escrito em uma língua minoritária, acaba sendo deslocada para este lugar através da invisibilização de sua literatura pelos currículos escolares e universitários. Sua identidade afro-alemã e a retórica de seu texto, como já demonstradas, deslocam a hegemonia alemã e a retórica dominante. Assim, o projeto literário da poeta produz um movimento de apropriação da língua hegemônica e racista e em última instância é o que Tatiana Nascimento faz tanto com o português como com o alemão no exemplo aqui trabalhado. Para Glissant, poeta e teórico afro-caribenho, (apud DAMATO, 1995, p. 272) “a apropriação da língua é a tarefa maior da literatura”. Ayim amava sua língua materna, mas tinha consciência que a mesma era tendenciosa e hostil para negros e negras, então apropriou-se dela e virou o jogo usando a arma que a reprimia para sobreviver, mesmo depois de sua morte, ao deixar seus poemas.

A tradução da diáspora na diáspora, isto é, por uma tradutora afro-brasileira, por conseguinte, também mina a retórica dominante, pois gera intervenção para a comunidade negra, cria acúmulo cultural, possibilita a comunicação transatlântica, a ampliação e reverberação de vozes subalternizadas, desloca também o locus hegemonicamente imaginado da figura do tradutor de língua alemã. Acredito que tais movimentos e gestos destes sujeitos evitam com que “velhas atitudes coloniais” de que falava Spivak (2000) emergjam na tradução. Por fim, este artigo buscou abranger brevemente as poeticidades negras diaspóricas presentes tanto em Ayim como em Nascimento, se apoiando na intimidade que uma leitora-tradutora afro-brasileira germanista tem com tais poemas. Assim, tracei diálogos e similitudes entre ambas poetisas, enfatizando o significado político destas traduções. Minha “tradução age para combater a petrificação de imagens do passado, de leituras de cultura e tradição. Assim,

a tradução é potencialmente um local permanente (*perpetual locus*) de engajamento político.” Como declara Tymozcko, (2000 p.17). São muitos os encontros entre a tradutora e ambas poetisas e suas poéticas. Há no ato tradutório um reconhecimento desta(s) experiência(s), a rememoração do trauma, e empoderamento através da escrita/tradução/reescrita. Spivak (2000) afirma ainda que o ato tradutório implica o trabalho com a linguagem do outro, isto é, com a linguagem que não me pertence, mas que, no entanto, acaba por construir um eu. Assim, a tradução de poesia afrodescendente tem construído um eu que se reconhece nas narrativas, se empodera através de sua leitura, recuperando memórias e vozes silenciadas, construindo uma linguagem do eu-tradutora, poeta afrodiaspórica, pois ao render-me aos textos das poetisas em questão, neste “ato mais íntimo de leitura” sinto acessar um devir poeta afrodiaspórica, unindo e fortalecendo os pontos das nossas história e vozes negras em diáspora.

Referências Bibliográficas

AYIM, May. **Blues in Schwarz Weiss: Gedichte**. Orlanda Frauenverlag: Berlin, 1995.

_____. **Grenzenlos und Unverschämt**. Fischer Taschenbuch Verlag: Frankfurt am Main, 2002.

BUDEN, Boris. Cultural Translation: Why it is important and where to start with it. Disponível em: < <http://eipcp.net/transversal/0606/buden/en> > Acesso em 10. Jan 2017.

CALERO, A. R. (2010). “El premio Adalbert von Chamisso y la literatura «de la emigración» en lengua alemana” In: **Extravío. Revista electrónica de literatura comparada**, núm.5. Universitat de València. Disponível em < http://www.uv.es/extravio/pdf5/a_calero.pdf > Acesso em 10. Mai 2017

CARRASCOSA, Denise. “Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas” In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 63-71. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115270> >, acesso em 12 jan. 2017.

DAMATO, Diva Barbaro. **Édouard Glissant: Poética e Política**. ANNABLUME: FFLCH-São Paulo. Coleção Parcours, 1995.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. “Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation” In: **Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**. Vol. 2, issue 1, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DOS SANTOS, J. E. **Os nagô e a morte**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GLISSANT, Édouard; COSTA, Keila Prado; GROKE, Henrique de Toledo. Pela opacidade. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 1, p. 53-55, nov. 2008. ISSN 1984-1124. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102/66809>>. Acesso em: 10 fev 2017. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i1p53-55>.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Tradução DE JESUS, Jessica Oliveira. In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, Brasil, n. 16, maio 2016. ISSN 2359-5388. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>>. Acesso em: 01 fev 2017.

LAO-Montes, Agustin. DECOLONIAL MOVES: Trans-locating African diaspora spaces. In: **Cultural Studies** Vol. 21. Nr.2-3 (March/May). 2007 p. 309-338.

Disponível em: <

<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601164361?scroll=top&needAccess=true> > acesso em 01 fev. 2017.

LORDE, Audre. **I Am Your Sister. Collected and Unpublished Writings Of Audre Lorde**. Edited By Rudolph P. Byrd Johnnetta Betsch Cole Beverly Guy-Sheftall Oxford University Press, New York: 2009.

MUDIMBE, V.Y. “O Discurso do Poder e o Conhecimento da Alteridade” In: **A Invenção de África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Trad.

MEDEIROS, Ana. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivista. In: **Griot -Revista de Filosofia**, v. 4., n.2, 2011.

OGUNTOYE, Katharina; OPITZ, May; SCHULTZ, Dagmar (orgs) **Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte**. Berlin: Orlanda Frauenverlag, 1986.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “Pós-modernidade e a tradução como subversão” In: **Anais do VII Encontro Nacional de Tradução/I Encontro Internacional de Tradução** - Universidade de São Paulo, 7 a 11 de setembro de 1998.

SPIVAK, Gayatri. The Politics of Translation. In: Lawrence Venuti (ed.), **The Translation Studies Reader**. London/ New York: Routledge, 2000.

TYMOZCKO, Maria. Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation. In: **Geopolitical Shifts. The Translator**, Vol.6 Number 1, 2000, 23-47.

VENUTI, L. Local contingences. Translation and national identities. In: BERMANN & WOOD (eds). **Nation, language and the ethics of translation**. Princeton: Princeton University Press, 2005.